

Revista - Época

ROMPENDO O SILÊNCIO

Emereni Jerônima da Silva viveu mais de meio século presa em um mundo de silêncio. Como nasceu surda, ela não aprendeu a falar português. Como não sabia falar, não foi à escola. Filha de uma família pobre e numerosa de agricultores do interior de São Paulo, ela cresceu tentando se expressar com sinais que ninguém compreendia. Emereni não teve amigos, não namorou, nem sequer jogou conversa fora no ponto de ônibus sobre se vai chover ou fazer sol no dia seguinte. Só há dois anos, os cabelos já começando a branquear, Emereni descobriu que podia se comunicar com outro ser humano.

Aos 61 anos, ela se tornou aluna de Elaine Rodrigues. Intérprete de libras (Língua Brasileira de Sinais), Elaine criou o Projeto Comunicar em 2005. Modesto, o projeto funciona em uma sala emprestada, em São José dos Campos, no interior de São Paulo. Ali, voluntários dão aula de português a 40 adultos surdos. O professor fala e escreve em português, Elaine e outros dois intérpretes traduzem para libras. Emereni já decifra letreiros de ônibus. Sabrina Cabral, que perdeu a audição aos 6 meses, consegue ler as legendas dos filmes no cinema. Pequenas conquistas que mudam a vida.

Elaine conheceu a dor de quem vive preso no silêncio ainda na infância. Seu irmão, Paulo, ficou surdo aos 2 anos, devido a um erro médico. Enquanto os pais trabalhavam como metalúrgicos, Paulo, então com 12 anos, era o responsável por cuidar de Elaine, de 1 ano. Cresceram juntos, mas às turras. "Eu nunca entendia nada do que ele tentava sinalizar", diz Elaine. Paulo aprendeu a língua de sinais com a ajuda de amigos surdos e de livros sobre o tema. Mas só no dia em que o irmão tentava, desesperado, descrever a forte dor de estômago que sentia, Elaine percebeu que era necessário conhecer a língua dele.

Naquele dia, ninguém conseguiu compreendê-lo. Muito menos ajudá-lo. Paulo teve de ficar mais uma vez sozinho com sua dor. Poucos meses depois, Elaine, então com 11 anos, já tinha fluência na língua dos surdos. Nunca mais brigaram.

Paulo apresentou a libras a Elaine. Ela ensinou-lhe português. Aos poucos, a ajuda se estendeu aos amigos surdos do irmão, a conhecidos, a desconhecidos. "O trabalho já existia antes mesmo de ser oficial", diz Elaine. "A idéia é ensinar língua portuguesa como uma segunda língua, mais ou menos como acontece com os brasileiros que aprendem inglês."

Emereni não perde aula. Por sinais de libras, ela conta que deseja ler e escrever todo tipo de texto, não importa o tempo que vai levar. Mas, quando lhe perguntam o que espera fazer com esse conhecimento, ela é muito mais enfática. Faz um movimento de mão escrevendo, alisa a base do dedo anelar esquerdo, em sinal de casamento, e cai na risada. A interpretação é simples: Emereni quer escrever cartas de amor para conquistar seu primeiro namorado.

Mariana Sanches



EMERENI QUER CASAR

Surda, ela aprende português para escrever cartas de amor e língua dos surdos para conversar com os amigos. Na foto, faz os primeiros sinais



Elaine Rodrigues

Projeto Comunicar

“Queremos comprar um espaço próprio e ampliar o atendimento. Hoje, temos de dar as aulas em salas emprestadas. O objetivo é começar a dar assistência aos surdos desde a infância e atender também os surdos com deficiência visual. Nosso sonho é ter uma escola para crianças, cursos profissionalizantes e atividades recreativas, como dança e grupo de teatro”

15/06/2007 - 14:42 - ATUALIZADO EM 27/02/2009 - 05:20

Rompendo o silêncio

Elaine Rodrigues ensina português a pessoas surdas que passaram quase toda a vida presa em um mundo sem sons: sem poder se comunicar, ir ao cinema ou escrever uma carta de amor

REVISTA ÉPOCA

Os alunos conversam animados em pequenas rodas. Mas não se ouve nada na sala de aula além do arrastar de algumas cadeiras. Só as mãos se movimentam em silêncio. O professor entra e os alunos não percebem. Para chamar a atenção, ele não fala nem bate na mesa. Apenas aciona o interruptor. A luz pisca três vezes na sala. É o sinal para o fim da conversa. Os alunos sentam-se em suas carteiras, posicionadas em semi-círculo. A mãos param no mesmo instante. Passam a segurar o lápis sobre o caderno. A aula vai começar.

A cena se repete duas vezes por semana. Há pouco mais de um ano, 40 surdos freqüentam as aulas de língua portuguesa do Projeto Comunicar. No centro da sala improvisada, visível a todos, uma intérprete faz sinais apressados. Ela traduz o que é falado e escrito pelo professor, do português para libras (Língua Brasileira de Sinais). Cada sinal é acompanhado com atenção por alunos que, já adultos, passaram a vida sem sequer poder ler a própria correspondência.

Dar aulas de português para surdos era uma idéia antiga da intérprete de libras Elaine Rodrigues, de 26 anos. "Eu sempre quis fazer com que os surdos pudessem se comunicar usando também a língua portuguesa", afirma. Mas o que fez com que o projeto saísse do papel para o quadro negro foi uma carta de amor e sua autora, Sabrina Cabral, de 26 anos.

Surda desde os seis meses, depois de ter uma infecção de ouvido, Sabrina cresceu sem conseguir se expressar em português. "Nem minha mãe entendia o que eu queria escrever, meus textos eram uma bagunça", diz Sabrina, em sinais de libras. O problema se tornou mais urgente quando ela desejou escrever para o namorado. A solução foi pedir a ajuda de Elaine. "Mas eu não queria depender para sempre de alguém para corrigir o meu português, então achei que ela poderia me ensinar a escrever", diz Sabrina. Foi o que aconteceu. Sabrina e outros surdos passaram a ter aulas gratuitas com professores voluntários em um espaço emprestado, na cidade de São José dos Campos, no interior de São Paulo.

Desde 2002, a libras é reconhecida por lei como língua oficial dos surdos. As diferenças entre ela e o português são muitas. Para começar, o português é uma língua oral, a libras é visual. Isso faz com que a forma de organização das duas gramáticas seja muito diferente. Em geral, os sinais em libras expressam uma palavra completa no português. Enquanto na língua portuguesa a fruta abacaxi, por exemplo, é representada por uma combinação de letras do alfabeto, em libras um único sinal significa abacaxi.

Os surdos conhecem o alfabeto em português e conseguem juntar as letras e formar as palavras. O primeiro obstáculo, como acontece com outros idiomas, está em ligar aquilo que lêem em português ao seu significado em libras. Depois, é preciso enfrentar o desafio de ordenar as frases de acordo com as regras da língua portuguesa, com artigos e conjunções que não existem em libras. Analfabetos em língua portuguesa, a maioria dos surdos não consegue fazer atividades corriqueiras como ler o jornal, assistir a filmes com legendas ou enviar um e-mail.

Não existem estatísticas que mostrem a exata extensão da defasagem no aprendizado do português vivida pelos surdos. Sabe-se apenas que o problema é comum e parece ter sua raiz na própria escola. Segundo o IBGE, no Brasil há quase 6 milhões de surdos e deficientes auditivos. Mas, segundo o Ministério da Educação, somente 70 mil freqüentam a educação básica – um terço deles em séries de alfabetização. E apenas 2.500 cursam o ensino superior. A falta de intérpretes de sinais, de professores bilíngues, de material adequado e de metodologia específica na rede pública expulsa os surdos da escola.

Elaine conviveu com essa realidade em casa. Sexta filha de uma família humilde de São José dos Campos, ela passava os dias com o irmão, Paulo, enquanto os pais trabalhavam como operários em fábricas da região. Paulo ficou surdo aos 2 anos, depois que o médico lhe receitou uma injeção de antibiótico para curar pneumonia em dose acima da recomendada. O remédio causou endurecimento dos tímpanos, membrana do ouvido que vibra de acordo com as ondas sonoras e gera informações que o cérebro reconhecerá como sons.

“Quando meu filho entrou no hospital ele falava ‘mamãe’, ‘titia’, e respondia se a gente chamava. Quando saiu, já não falava nem ouvia mais nada”, diz a mãe, Geralda, de 63 anos. Paulo frequentou a escola até a quinta série, quando parou de estudar. “Não entedia nada do que a professora dizia e escrevia, nem sei como eu era aprovado no fim do ano”, diz.

Aos 12 anos, o menino passava os dias em casa. Sua responsabilidade era cuidar de Elaine, então com pouco mais de 1 ano. Viviam às turras. “Eu nunca entendia nada do que ele tentava sinalizar. A gente brigava muito”, diz Elaine. Paulo aprendeu a língua de sinais aos 13 anos, com a ajuda de amigos surdos e livros sobre o tema. Mas só no dia em que o irmão tentava, desesperado, descrever a forte dor de estômago que sentia, Elaine percebeu que era necessário conhecer a língua dele.

Naquele dia ninguém conseguiu compreendê-lo. Muito menos ajudá-lo. Paulo teve de ficar mais uma vez sozinho com sua dor. Poucos meses depois, Elaine, então com 11 anos, já tinha fluência na língua dos surdos. Nunca mais brigaram. Até então, a raiva por um não conseguir entender a língua do outro havia sido a única forma de comunicação entre eles.

Paulo apresentou-lhe a libras. Em troca, Elaine passou a ensinar-lhe português. Pouco a pouco a ajuda se estendeu aos amigos surdos do irmão, a conhecidos, a desconhecidos. “O trabalho já existia antes mesmo de ser oficial. A idéia sempre foi ensinar língua portuguesa como segunda língua, mais ou menos como acontece com os brasileiros que aprendem inglês”, afirma Elaine.

Os resultados do projeto estão marcados na vida dos alunos. Sabrina, a autora da carta de amor é hoje a melhor aluna da turma. Ela já consegue assistir a filmes legendados no cinema. Adora livros de poesia. “Estou estudando muito para um dia poder escrever meus próprios versos”, diz. Outros alunos já conquistaram vitórias, entre elas a conclusão do ensino médio e a aprovação no vestibular. Mas talvez a expressão mais pura da vocação do projeto esteja nas pequenas mãos ágeis, calejadas e com unhas muito bem pintadas de uma senhora de 61 anos.

Emereni Jerônima da Silva é surda de nascimento. Filha de camponeses naturais da cidade de Palestina, no interior de São Paulo, ela passou mais de meio século sem saber que poderia aprender libras ou português. Sua comunicação restringia-se a gestos familiares de difícil compreensão mesmo para intérpretes experientes. Passou a vida reclusa em casa. Não estudou ou trabalhou. Não teve amigos, não namorou.

Há pouco mais de dois anos, Emereni aprendeu a ler letreiros de ônibus e começou a sair sozinha. As conquistas mais recentes são a escrita de algumas palavras em português e o aprendizado de sinais de frutas em libras. Ela agora espera ser capaz de ler e escrever qualquer tipo de texto, de qualquer tamanho, não importa quanto tempo isso possa levar. Quando lhe perguntam sobre o que quer fazer com esse conhecimento, Emereni é muito clara. Faz um movimento de mão escrevendo, alisa a base do dedo anelar esquerdo, em sinal de casamento, e cai na risada. A interpretação é simples: quer ser capaz de escrever cartas de amor para conquistar seu primeiro namorado.

Por que as pessoas falam tanto?

Vivemos num mundo de surdos sem deficiência auditiva

ELIANE BRUM



ELIANE BRUM

ebrum@edglobo.com.br

Repórter especial de ÉPOCA, integra a equipe da revista desde 2000. Ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de Jornalismo. É autora de *A Vida Que Ninguém Vê* (Arquipélago Editorial, Prêmio Jabuti 2007) e *O Olho da Rua* (Globo)

Uma vez passei dez dias num retiro de meditação vipássana, no interior do Rio de Janeiro, para fazer uma reportagem para ÉPOCA. Havia muitas regras. Uma delas era o silêncio. Por dez dias era proibido falar. Também devíamos evitar olhar para as outras pessoas. O objetivo era silenciar a mente até que não houvesse nenhum ruído também dentro de nós. Foi uma experiência fantástica, que me mudou para sempre. Nunca antes estive tão em mim. E nunca depois voltei a estar.

O silêncio é um progressivo mergulho interno, em vez de me alienar do mundo, me conectaram a ele de um modo até então inédito para mim. Eu sentia cada segundo, por que eles demoravam a passar. Percebia o vento e as nuances das cores do céu e das folhas das árvores em detalhes. Olhava, cheirava, ouvia e tocava o mundo como se tudo fosse novo. Cada centímetro de terra era capaz de me ocupar por minutos. Sem palavras, a realidade me alcançava com mais força. Finalmente eu não apenas compreendia, mas vivia a poesia de Alberto Caeiro: "Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo".

Antes que alguém tenha ideias, experimentei tudo isso sem nenhuma droga. Nenhuma mesmo. Não podíamos tomar álcool, fumar ou ingerir qualquer medicamento, nem mesmo aspirina. Minha droga era a lucidez. Naqueles dez dias, ouvi com mais clareza a mim mesma. E passei a escutar melhor o mundo em que vivia. Senti que finalmente estava no mundo. Eu era.

No décimo dia, voltamos a falar. O retiro acabaria no dia seguinte e precisávamos nos preparar para retornar a uma realidade cotidiana de ruídos e demandas excessivas. Lembro que eu não queria falar. Fiquei assustada quando todo mundo começou a falar ao mesmo tempo. Percebi que a maioria do que se dizia nunca deveria ter sido dito. Sobrava.

Uma parte eram fofocas que haviam sido guardadas por dias. E que poderiam ter ficado impronunciadas para sempre. Percebi, principalmente, que depois de dez dias de silêncio muitas de nós não queriam ouvir. Só falar. Poucas eram aquelas que realmente desejavam escutar a experiência da outra, a voz da outra. A maioria só queria contar da sua. Não tinham sentido falta de outras vozes, apenas do som da sua. Dez dias de silêncio não tinham sido suficientes para acabar com nossa surdez à voz alheia.

A reportagem foi publicada, com o título de "[O inimigo sou eu](#)". Eu segui, guardando em parte o que aprendi lá. E tenho sentido falta daqueles dez dias de silêncio, agora que aumenta em níveis quase insuportáveis a poluição sonora dentro e fora de mim.

Acho que nunca escutamos tão pouco. E talvez por isso nunca fomos tão solitários. Quando faço palestras sobre reportagem, os estudantes de jornalismo costumam perguntar o que devem fazer para se tornarem bons repórteres. Minha resposta é sempre a mesma: escutem. Acredito que mais importante do que saber perguntar é saber escutar a resposta. Não apenas para ser um bom jornalista, mas para ser uma boa pessoa. Escutar é mais do que ouvir. Como repórter e como gente esforço-me para ser uma boa "escutadeira".

É a escuta que nos leva ao mundo. E é a escuta que nos leva ao outro. Quando não escutamos, nos tornamos solitários, mesmo que estejamos no meio de uma festa, falando sem parar para um monte de gente. Condenamo-nos não à solidão necessária para elaborar a vida, mas à solidão que massacra, por que não faz conexão com nada. Não escutamos nem somos escutados. Somos planetas fechados em si mesmos. Suspeito que essa é uma época de tantos solitários em grande parte pela dificuldade de escutar.

Basta observar. As pessoas não querem escutar, só querem falar. Depois de muita observação, classifiquei cinco tipos básicos de surdos. Há aqueles que só falam e pronto. Emendam um assunto no outro. Fico prestando atenção para detectar quando respiram e não consigo. Acho que inventaram um jeito de falar sem respirar. E ganhariam mais dinheiro se entrassem em algum concurso de tempo sem oxigênio embaixo d'água. Aí, pelo menos, ficariam quietos por um momento.

Existem aqueles que falam e falam e, de repente, percebem que deveriam perguntar alguma coisa a você, por educação. Perguntam. Mas quando você está abrindo a boca para responder, já enveredaram para mais algum aspecto sobre o único tema fascinante que conhecem: eles mesmos.

Há aqueles que fingem ouvir o que você está dizendo. Você consegue responder. Mas, quando coloca o primeiro ponto final, percebe que não escutaram uma palavra. De imediato, eles retomam do ponto em que haviam parado. E não há nenhuma conexão entre o que você acabou de dizer e o que eles começaram a falar.

Existem aqueles que ouvem o que você diz, mas apenas para mostrar em seguida que já haviam pensado nisso ou que sabem mais do que você, o que é só mais um jeito de não escutar.

Há ainda os que só ouvem o que você está dizendo para rapidamente reagir. Enquanto você fala, eles estão vasculhando o cérebro em busca de argumentos para demolir os seus e vencer a discussão. Gostam de ganhar. Para eles, qualquer conversa é um jogo em que devem sempre sair vitoriosos. E o outro, de preferência, massacrado. Só conhecem uma verdade, a sua. E não aprendem nada, por acreditarem que ninguém está à altura de lhes ensinar algo.

É claro que há um mix das várias espécies de surdos. E devem existir outras modalidades que você deve ter detectado, e eu não. O fato é que vivemos num mundo de surdos sem deficiência auditiva. E uma boa parte deles se queixa de solidão.

É um mundo de faladores compulsivos o nosso. Compulsivos e auto-referentes. Não conheço estatísticas sobre isso, mas eu chutaria, por baixo, que mais da metade das pessoas só falam sobre si mesmas. Seu mundo torna-se, portanto, muito restrito. E muito chato. Por mais fascinantes que possamos ser, não é o suficiente para preencher o assunto de uma vida inteira.

Num ótimo artigo, intitulado Escutatória, o escritor Rubem Alves diz: "Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular".

Quando não escutamos o mundo do outro, não aprendemos nada. Acontece com o chefe que não consegue escutar de verdade o que seu subordinado tem a dizer. A priori ele já sabe – e já sabe mais. Assim como acontece com a mulher que não consegue escutar o companheiro. Ou o amigo que não é capaz de escutar você. E vice-versa.

Tornamo-nos muito sozinhos no gesto de não escutar. Em *Revolutionary Road* (Sam Mendes, 2008), traduzido para as telas de cinema do Brasil como "Foi apenas um sonho", a cena final é a síntese dessa relação simbiótica entre surdez e solidão. Não a surdez causada pela deficiência auditiva, mas essa outra de que falamos, esta que é mais triste por ser escolha. Quem viu, não esqueceu. Quem não viu, pode pegar o dvd em qualquer locadora. Essa cena final vale por alguns milhares de palavras.

Sempre pensei muito sobre por que as pessoas falam tanto – e por que têm tanta dificuldade de escutar. Qual é a ameaça contida no silêncio? O que temem tanto ouvir se calarem a sua voz por um momento? Por que precisamos preencher nosso mundo - inclusive o interior - com tantos ruídos?

Acho que cada um de nós poderia parar alguns minutos e fazer a si mesmo estas perguntas.

Percebo também que há uma pressão para que nos tornemos falantes. Ser falante supostamente seria uma vantagem no mundo, especialmente no mundo do trabalho. Mesmo que você não diga nada de novo, mesmo que você repita o que o chefe disse com outras palavras. Mas falar, qualquer coisa, é marcar presença, é uma tentativa de garantir-se necessário. E ser quieto, calado, é visto como um tipo invisível de deficiência. Como se lhe faltasse algo, palavras. Mas será que as palavras estão ali, nessa falação desenfreada? Ou melhor, será que quem fala está realmente naquele discurso? Tenho dúvidas.

Por qualquer caminho que se possa pensar, me parece que o silêncio soa ameaçador. Em parte, pelo que ele pode dizer sobre nós. Enchemos nossa vida de barulho, da mesma forma que atulhamos nossos dias de tarefas, com medo do vazio. Tarefas em uma agenda cheia constituem outro tipo de ruído. E o vazio também é uma forma de silêncio.

Em rasgos de intolerância, achava que os falantes compulsivos eram apenas muito chatos e muito egocêntricos. Que as pessoas não escutavam – o silêncio e o outro – por prepotência. Mas acredito que é bem mais complicado que isso.

Há dois livros muito interessantes que pensam sobre a escuta. *A Hermenêutica do Sujeito*, de Michel Foucault (Martins Fontes), e *Como Ouvir* (Martins Fontes), um livrinho pequeno e precioso de Plutarco. Eles mostram que escutar é se arriscar ao novo, ao desconhecido. Na audição, mais do que em qualquer outro sentido, a alma encontra-se passiva em relação ao mundo exterior e exposta a todos os acontecimentos que dele lhe advêm e que podem surpreendê-la. Ao ouvir, nos arriscamos a sermos surpreendidos e abalados pelo que ouvimos, muito mais do que por qualquer objeto que possa nos ser apresentado pela visão e pelo tato.

Faz muito sentido. As pessoas não escutam porque escutar é se arriscar. É se abrir para a possibilidade do espanto. Escancarar-se para o mundo do outro - e também para o outro de si mesmo.

Escutar é talvez a capacidade mais fascinante do humano, por que nos dá a possibilidade de conexão. Não há conhecimento nem aprendizado sem escuta real. Fechar-se à escuta é condenar-se à solidão, é bater a porta ao novo, ao inesperado.

Escutar é também um profundo ato de amor. Em todas as suas encarnações. Amor de amigos, de pais e de filhos, de amantes. Nesse mundo em que o sexo está tão banalizado, como me disse um amigo, escutar o homem ou mulher que se ama pode ser um ato muito erótico. Quem sabe a gente não experimenta?

Escutar de verdade implica despir-se de todos os seus preconceitos, de suas verdades de pedra, de suas tantas certezas, para se colocar no lugar do outro. Seja o filho, o pai, o amigo, o amante. E até o chefe ou o subordinado. O que ele realmente está me dizendo?

Observe algumas conversas entre casais, famílias. Cada um está paralisado em suas certezas, convicto de sua visão de mundo. Não entendo por que se espantam que ao final não exista encontro, só mais desencontro. Quem só tem certezas não dialoga. Não precisa. Conversas são para quem duvida de suas certezas, para quem realmente está aberto para ouvir – e não para fingir que ouve. Diálogos honestos têm mais pontos de interrogação que pontos finais. E “não sei” é sempre uma boa resposta.

Escutar de verdade é se entregar. É esvaziar-se para se deixar preencher pelo mundo do outro. E vice-versa. Nesta troca, aprendemos, nos transformamos, exercemos esse ato purificador da reinvenção constante. E, o melhor de tudo, alcançamos o outro. Acredite: não há nada mais extraordinário do que alcançar um outro ser humano. Se conseguirmos essa proeza em uma vida, já terá valido a pena.

Escutar é fazer a intersecção dos mundos. Conectar-se ao mundo do outro com toda a generosidade do mundo que é você. Algo que mesmo deficientes auditivos são capazes de fazer.

(Eliane Brum escreve às segundas-feiras)

Revista - Época

15/06/2007 - 14:42 - ATUALIZADO EM 27/02/2009 - 05:20

Rompendo o silêncio

Elaine Rodrigues ensina português a pessoas surdas que passaram quase toda a vida presa em um mundo sem sons: sem poder se comunicar, ir ao cinema ou escrever uma carta de amor

REVISTA ÉPOCA

Os alunos conversam animados em pequenas rodas. Mas não se ouve nada na sala de aula além do arrastar de algumas cadeiras. Só as mãos se movimentam em silêncio. O professor entra e os alunos não percebem. Para chamar a atenção, ele não fala nem bate na mesa. Apenas aciona o interruptor. A luz pisca três vezes na sala. É o sinal para o fim da conversa. Os alunos sentam-se em suas carteiras, posicionadas em semi-círculo. A mãos param no mesmo instante. Passam a segurar o lápis sobre o caderno. A aula vai começar.

A cena se repete duas vezes por semana. Há pouco mais de um ano, 40 surdos freqüentam as aulas de língua portuguesa do Projeto Comunicar. No centro da sala improvisada, visível a todos, uma intérprete faz sinais apressados. Ela traduz o que é falado e escrito pelo professor, do português para libras (Língua Brasileira de Sinais). Cada sinal é acompanhado com atenção por alunos que, já adultos, passaram a vida sem sequer poder ler a própria correspondência.

Dar aulas de português para surdos era uma idéia antiga da intérprete de libras Elaine Rodrigues, de 26 anos. "Eu sempre quis fazer com que os surdos pudessem se comunicar usando também a língua portuguesa", afirma. Mas o que fez com que o projeto saísse do papel para o quadro negro foi uma carta de amor e sua autora, Sabrina Cabral, de 26 anos.

Surda desde os seis meses, depois de ter uma infecção de ouvido, Sabrina cresceu sem conseguir se expressar em português. "Nem minha mãe entendia o que eu queria escrever, meus textos eram uma bagunça", diz Sabrina, em sinais de libras. O problema se tornou mais urgente quando ela desejou escrever para o namorado. A solução foi pedir a ajuda de Elaine. "Mas eu não queria depender para sempre de alguém para corrigir o meu português, então achei que ela poderia me ensinar a escrever", diz Sabrina. Foi o que aconteceu. Sabrina e outros surdos passaram a ter aulas gratuitas com professores voluntários em um espaço emprestado, na cidade de São José dos Campos, no interior de São Paulo.

Desde 2002, a libras é reconhecida por lei como língua oficial dos surdos. As diferenças entre ela e o português são muitas. Para começar, o português é uma língua oral, a libras é visual. Isso faz com que a forma de organização das duas gramáticas seja muito diferente. Em geral, os sinais em libras expressam uma palavra completa no português. Enquanto na língua portuguesa a fruta abacaxi, por exemplo, é representada por uma combinação de letras do alfabeto, em libras um único sinal significa abacaxi.

Os surdos conhecem o alfabeto em português e conseguem juntar as letras e formar as palavras. O primeiro obstáculo, como acontece com outros idiomas, está em ligar aquilo que lêem em português ao seu significado em libras. Depois, é preciso enfrentar o desafio de ordenar as frases de acordo com as regras da língua portuguesa, com artigos e conjunções que não existem em libras. Analfabetos em língua portuguesa, a maioria dos surdos não consegue fazer atividades corriqueiras como ler o jornal, assistir a filmes com legendas ou enviar um e-mail.

Não existem estatísticas que mostrem a exata extensão da defasagem no aprendizado do português vivida pelos surdos. Sabe-se apenas que o problema é comum e parece ter sua raiz na própria escola. Segundo o IBGE, no Brasil há quase 6 milhões de surdos e deficientes auditivos. Mas, segundo o Ministério da Educação, somente 70 mil frequentam a educação básica – um terço deles em séries de alfabetização. E apenas 2.500 cursam o ensino superior. A falta de intérpretes de sinais, de professores bilíngues, de material adequado e de metodologia específica na rede pública expulsa os surdos da escola.

Elaine conviveu com essa realidade em casa. Sexta filha de uma família humilde de São José dos Campos, ela passava os dias com o irmão, Paulo, enquanto os pais trabalhavam como operários em fábricas da região. Paulo ficou surdo aos 2 anos, depois que o médico lhe receitou uma injeção de antibiótico para curar pneumonia em dose acima da recomendada. O remédio causou endurecimento dos tímpanos, membrana do ouvido que vibra de acordo com as ondas sonoras e gera informações que o cérebro reconhecerá como sons.

"Quando meu filho entrou no hospital ele falava 'mamãe', 'titia', e respondia se a gente chamava. Quando saiu, já não falava nem ouvia mais nada", diz a mãe, Geralda, de 63 anos. Paulo frequentou a escola até a quinta série, quando parou de estudar. "Não entedia nada do que a professora dizia e escrevia, nem sei como eu era aprovado no fim do ano", diz.

Aos 12 anos, o menino passava os dias em casa. Sua responsabilidade era cuidar de Elaine, então com pouco mais de 1 ano. Viviam às turras. "Eu nunca entendia nada do que ele tentava sinalizar. A gente brigava muito", diz Elaine. Paulo aprendeu a língua de sinais aos 13 anos, com a ajuda de amigos surdos e livros sobre o tema. Mas só no dia em que o irmão tentava, desesperado, descrever a forte dor de estômago que sentia, Elaine percebeu que era necessário conhecer a língua dele.

Naquele dia ninguém conseguiu compreendê-lo. Muito menos ajudá-lo. Paulo teve de ficar mais uma vez sozinho com sua dor. Poucos meses depois, Elaine, então com 11 anos, já tinha fluência na língua dos surdos. Nunca mais brigaram. Até então, a raiva por um não conseguir entender a língua do outro havia sido a única forma de comunicação entre eles.

Paulo apresentou-lhe a libras. Em troca, Elaine passou a ensinar-lhe português. Pouco a pouco a ajuda se estendeu aos amigos surdos do irmão, a conhecidos, a desconhecidos. "O trabalho já existia antes mesmo de ser oficial. A idéia sempre foi ensinar língua portuguesa como segunda língua, mais ou menos como acontece com os brasileiros que aprendem inglês", afirma Elaine.

Os resultados do projeto estão marcados na vida dos alunos. Sabrina, a autora da carta de amor é hoje a melhor aluna da turma. Ela já consegue assistir a filmes legendados no cinema. Adora livros de poesia. "Estou estudando muito para um dia poder escrever meus próprios versos", diz. Outros alunos já conquistaram vitórias, entre elas a

conclusão do ensino médio e a aprovação no vestibular. Mas talvez a expressão mais pura da vocação do projeto esteja nas pequenas mãos ágeis, calejadas e com unhas muito bem pintadas de uma senhora de 61 anos.

Emereni Jerônima da Silva é surda de nascimento. Filha de camponeses naturais da cidade de Palestina, no interior de São Paulo, ela passou mais de meio século sem saber que poderia aprender libras ou português. Sua comunicação restringia-se a gestos familiares de difícil compreensão mesmo para intérpretes experientes. Passou a vida reclusa em casa. Não estudou ou trabalhou. Não teve amigos, não namorou.

Há pouco mais de dois anos, Emereni aprendeu a ler letreiros de ônibus e começou a sair sozinha. As conquistas mais recentes são a escrita de algumas palavras em português e o aprendizado de sinais de frutas em libras. Ela agora espera ser capaz de ler e escrever qualquer tipo de texto, de qualquer tamanho, não importa quanto tempo isso possa levar. Quando lhe perguntam sobre o que quer fazer com esse conhecimento, Emereni é muito clara. Faz um movimento de mão escrevendo, alisa a base do dedo anelar esquerdo, em sinal de casamento, e cai na risada. A interpretação é simples: quer ser capaz de escrever cartas de amor para conquistar seu primeiro namorado.

Revista - Época

26/11/2009 - 15:54 - ATUALIZADO EM 27/11/2009 - 21:33

“Quem são os nossos olhos?”

Cresce no país o uso de recursos audiovisuais que tornam a arte acessível às pessoas com deficiência

LÍVIA DEODATO

Embora use tecnologia, a audiodescrição é, essencialmente, um trabalho humano. Com o folheto da ópera na mão, o profissional da audiodescrição acompanha os ensaios do espetáculo para identificar os momentos em que ocorrem no palco detalhes que são compreendidos apenas com os olhos – um gesto, uma mudança de expressão facial, o próprio cenário, o figurino, a iluminação. Tudo o que é inacessível para os cegos. Essas explicações pontuais têm de ser acomodadas, na ópera, com a tradução do texto italiano para o português – e com alguma dose de emoção. “Eu acompanho, em média, quatro ensaios para chegar ao texto final da audiodescrição”, diz Lívia Maria. Quando se trata de um filme, a explicação da cena já está gravada. Na ópera e no teatro, é feita ao vivo. Lembra, pelas circunstâncias, o trabalho de tradução simultânea – os profissionais ficam numa cabine, geralmente um casal, e cada um deles se encarrega de parte dos personagens.

Os meios eletrônicos, como a televisão, têm de levar o trabalho de apoio aos deficientes para dentro das casas. Leonardo Gleison Ferreira, de 22 anos, nasceu cego. Aos 4 anos sofreu um transplante de córnea, enxergou por 11 anos e então perdeu a visão em definitivo. Não consegue se informar pela televisão. Um exemplo: está sendo veiculada uma propaganda sobre a TV digital. “O locutor diz assim: ‘Se você mora em uma das cidades listadas aqui, já pode ter acesso à programação digital’”, afirma Ferreira. “Mas ele não diz quais são as cidades, apenas as mostra na tela. Como nós, cegos, podemos nos informar desse jeito?”



PRIMEIRA VEZ

Nascimento assiste a um filme em São Paulo, sua primeira experiência com audiodescrição. “Foi como um sonho”, diz ele

Em 2005, a Associação Brasileira de Normas Técnicas publicou a Norma Brasileira nº 15.290, que estabelece os parâmetros técnicos para os serviços de acessibilidade em TVs, filmes e teatros brasileiros. Foi o primeiro passo. Em 2006, o Ministério das Comunicações publicou a portaria 310, que determina que as emissoras de TV ofereçam, a princípio, duas horas semanais de programação para deficientes. O serviço deveria começar em 2008, mas não foi bem assim. A legenda oculta e a Língua Brasileira

de Sinais (Libras) entraram em vigor. A audiodescrição, não. Três novas portarias já foram publicadas pelo Ministério das Comunicações, adiando a obrigatoriedade. A Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) diz que falta mão de obra para produção da audiodescrição. E há também uma questão de tecnologia. "Com a norma, as empresas teriam de investir em equipamento analógico, que se tornará obsoleto com a chegada do digital, previsto para se consolidar até 2016", diz Édio Azevedo, advogado do Ministério das Comunicações. "Tanto para os deficientes visuais quanto para os empresários, teria sido melhor que (a obrigatoriedade do recurso da audiodescrição) não tivesse casado com a chegada da TV digital." Uma nova minuta de portaria sobre o tema está prevista para entrar em consulta pública a partir desta semana, no site do Ministério das Comunicações. O novo prazo de debate expirará em fevereiro de 2010.

O Ministério da Cultura, por sua vez, vai anunciar em 2010 um Prêmio Arte e Cultura Inclusivas, que pretende contemplar trabalhos de artistas com deficiência. Serão selecionados 31 projetos e os prêmios somam R\$ 385 mil. "Avançamos consideravelmente nesses últimos anos", diz Izabel Maior, subsecretária Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, de 55 anos, que tem deficiência física há 33 por causa de uma lesão medular. Enquanto isso, o mercado de trabalho para audiodescritores cresce e será criado em 2010 um curso de pós-graduação na Universidade de São Paulo para estudar as possibilidades da audiodescrição.

"A demanda pela audiodescrição é muito maior do que se imagina", afirma a audiodescritora Lívia Maria. "Ela beneficia idosos, analfabetos e disléxicos." Lívia Maria é formada em letras e doutora em linguística aplicada com uma tese sobre ensino e aprendizado para cegos e pessoas com pouca visão. Ela é responsável pela formação voluntária de profissionais de audiodescrição do Instituto Vivo. Mais de 50 já foram formados. Entre eles estão Carlos Eduardo Marçal e Marli Nunes, que trabalharam na ópera *Pagliacci*, apresentada em São Paulo há três semanas. O espetáculo pôs à prova a concentração e a capacidade de improvisação da dupla. Num dado momento, a protagonista da ópera foi enfeitar a mesa com um castiçal e ele caiu, inesperadamente. Quem podia enxergar riu. Marli logo explicou o que acontecia para seus ouvintes deficientes. "É gratificante", diz ela. "Ao final do espetáculo eles nos dizem coisas assim: 'Onde estão os nossos olhos? Quero conhecê-los.'" O que pode ser melhor do que isso?

Os recursos disponíveis

Do braille ao leitor de telas, alguns dos suportes já à disposição no Brasil



Audiodescrição
Apresenta os momentos sem falas de cada cena. No caso do cinema e da TV, a audiodescrição é gravada. No teatro, ao vivo. Em salas de espetáculo, é feita por meio de ondas de rádio



Dublagem
Deve ser oferecida em filmes e peças em língua estrangeira. Para melhor compreensão dos deficientes visuais, os diálogos são readaptados em discursos diretos ou indiretos



Legenda oculta
(closed caption)
Pontua a presença de trilha sonora, além do estilo musical, e acompanha o personagem falante, podendo se posicionar em qualquer lugar da tela

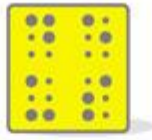


Libras

(Língua Brasileira de Sinais)

Possui estrutura gramatical própria.

Para cada letra do alfabeto, há um sinal específico com a mão. Para uma expressão, um conjunto de gestos



Braille

O recurso mais antigo para deficientes visuais

está caindo em desuso com o avanço da tecnologia, como o leitor de telas. É mais usado pelos que nasceram cegos



Leitor de telas

Software que realiza a leitura de todo o conteúdo do site escolhido, com exceção das imagens. Pode ser adquirido gratuitamente no site do Ministério das Comunicações

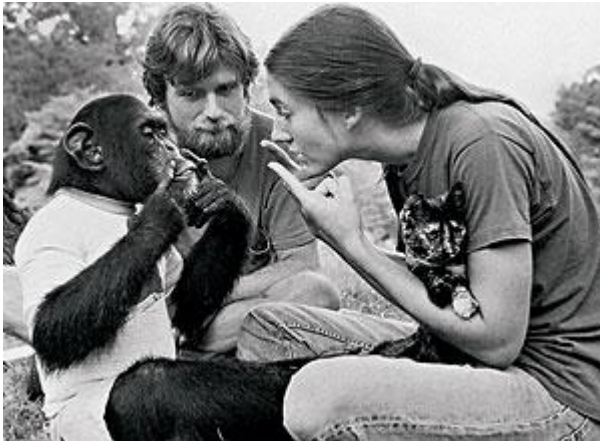
Revista - Época

15/04/2009 - 15:34 - ATUALIZADO EM 15/04/2009 - 18:16

Os sinais do chimpanzé

Um livro conta a vida de Nim Chimpsky, o primata criado em Nova York entre os humanos

MARCELA BUSCATO



ALUNO

Pesquisadores ensinam a linguagem de sinais para Nim na década de 70. O chimpanzé morreu aos 26 anos, em cativeiro

Um chimpanzé, criado desde bebê em luxuosas mansões nova-iorquinas, torna-se a estrela de um audacioso estudo sobre linguagem. Tem aulas para aprender a se comunicar por sinais (aqueles mesmos usados por pessoas surdas) e encanta os humanos a seu redor com sua linguagem gestual. Mas, quando o estudo termina, o chimpanzé deixa suas roupas, seus brinquedos e seu cobertor preferido em Nova York e volta para a jaula do centro onde nasceu. Quase vira cobaia de experimentos médicos. Só é salvo das agulhas por uma campanha popular. Vive 17 anos em um abrigo para animais, onde tenta se comunicar com os visitantes por meio dos gestos aprendidos na infância. Parece ficção científica. Mas é uma história real. Nim Chimpsky, o chimpanzé que fazia o sinal de "desculpa" para seus companheiros de jaula após uma briga, morreu em 2000, aos 26 anos, o que seria metade da vida de um animal de sua espécie.

Essa é a versão da jornalista americana Elizabeth Hess para a história de Nim. Em seu livro recém-lançado nos Estados Unidos, *Nim Chimpsky: the Chimp Who Would Be Human* (algo como O Chimpanzé Que Seria Humano), a autora não poupa detalhes emocionantes. Sua idéia era contar a história de um animal que transformou a vida das pessoas a seu redor. Ela fez mais: mostra os bastidores de uma pesquisa que usa animais.

Experiências como a protagonizada por Nim dificilmente seriam aprovadas hoje por um comitê de ética de qualquer universidade. Mas a discussão de como usar animais em estudos científicos é bastante atual. Defensores dos bichos argumentam que os seres humanos não têm direito a manter ratos, coelhos e primatas trancados dentro de gaiolas, sendo cortados, costurados e infectados

em laboratórios. Os pesquisadores afirmam que ainda não existem alternativas seguras para testar medicamentos, vacinas e cosméticos antes de aprová-los para uso humano. Modelos computacionais e células humanas cultivadas em laboratórios são algumas das opções em estudo.

Em seu livro, Elizabeth Hess afirma que até pesquisas consideradas não-invasivas, como as de comportamento, poderiam causar sofrimento. Nim foi a figura central de um estudo da Universidade Colúmbia, nos Estados Unidos, realizado na década de 1970. O psicólogo Herbert Terrace queria ver se um animal seria capaz de aprender a linguagem dos sinais. Seu objetivo era contestar a tese do lingüista Noam Chomsky de que nós, humanos – e só nós –, nascemos programados para aprender a falar. O nome do primata era uma mistura de Chimp, chimpanzé, com Chomsky. Desde os 10 dias de idade, Nim Chimpsky foi criado por pesquisadores e voluntários em duas casas em Nova York. Era colocado para dormir depois de tomar chá adoçado com mel e ouvir uma história. Mas, quando os pesquisadores perceberam que Nim dificilmente conseguiria formar frases complexas, mandaram o animal de volta à jaula, no centro onde nasceu.

A psicóloga experimental Laura-Ann Petitto, que criou Nim durante o estudo, diz não acreditar que o chimpanzé tenha sofrido tanto quanto sua biografia sugere. Para Laura-Ann, Elizabeth teria humanizado demais as características e habilidades de Nim em seu livro. “Os chimpanzés não têm a mesma estrutura social e emocional que nós”, afirmou (*leia a entrevista abaixo*). Um episódio narrado no livro mostra como Nim conservava seu instinto selvagem. Quando a pesquisadora Stephanie LaFarge, que o havia abrigado quando bebê, o visitou, anos após o fim do experimento, Nim a agarrou pelo tornozelo e a lançou no canto da jaula. Os tratadores o convenceram a deixá-la sair, de joelhos – com cortes pelo corpo e o tornozelo deslocado.

O que apimenta o debate é a semelhança entre os humanos e chimpanzés, os parentes mais próximos dos seres humanos na escala evolutiva. As duas espécies têm um código genético com 98,7% de semelhança. Os chimpanzés parecem ter o mesmo senso de cooperação dos humanos. Mas ninguém ainda conseguiu desvendar como eles pensam. “O cérebro dos primatas é muito similar ao nosso. Os humanos basicamente têm um cérebro primata maior”, diz o holandês Frans de Waal, um dos mais renomados primatologistas. “É provável que um animal tão próximo aos humanos sinta as emoções de maneira muito parecida com a gente.” Certamente, é essa a impressão que fica após a leitura do livro de Elizabeth Hess. Mas o próprio De Waal não é contra experimentos do tipo que foi feito com Nim. “Só acho que, depois que o estudo acaba, não podemos nos eximir da responsabilidade com o bicho.”



MÃE DE CRIAÇÃO

Laura-Ann era a pessoa mais próxima do chimpanzé Nim

ENTREVISTA

“Ele era fascinante e inteligente”

A pesquisadora que criou Nim diz que os chimpanzés têm sentimentos, mas diferentes dos nossos

Uma das “mães” de Nim durante a experiência dos anos 70, Laura-Ann Petitto é hoje uma cientista especializada em linguagem da Universidade de Toronto, no Canadá.

ÉPOCA – Como era Nim?

Laura-Ann – Eu fui a pessoa mais próxima dele. Se ele estava assustado, em um lugar cheio de gente, corria para mim, como uma criança. Ele era fascinante e inteligente. Não há nada a que compará-lo. Ele não era animal. Nem humano. Durante minha

convivência com ele, senti como se tivesse acesso a uma janela para a evolução da espécie humana. Ele me ensinou os segredos da mente.

ÉPOCA – A senhora acha que Elizabeth Hess humanizou demais Nim?

Laura-Ann – Encontrei imprecisões perigosas no livro, porque ela faz deduções sobre as capacidades de Nim sem base. É uma jornalista contando a história de um animal que agora está morto, escrevendo sobre uma pesquisa de mais de 30 anos. Não são fatos, é uma história romântica. É uma ficção.

ÉPOCA – A senhora acredita que Nim sofreu com a falta dos humanos com quem estava acostumado?

Laura-Ann – Os chimpanzés são profundamente diferentes de nós. Eles não têm a arquitetura para sentir saudade da mesma maneira que um humano. Chimpanzés não formam laços baseados no apego emocional, e sim com base na disponibilidade imediata de recursos. Para um chimpanzé, se Mary o alimenta na segunda-feira e Bob na terça-feira, o laço na terça é com Bob. Se Mary entrar na sala, o instinto seria o de atacar para matar. Porque Bob tem a comida. Nenhuma criança faria isso.

ÉPOCA – Quando a senhora encontrou Nim após o fim do estudo, ele a reconheceu?

Laura-Ann – Claro. Mas reconhecimento não significa amor. Ele ainda era um chimpanzé e eu ainda era humana. Se tivesse ficado perto dele, ele teria me matado. Com um chimpanzé, se você violar um comportamento particular, que pode não ter significado para nós, ele entra em estado de alerta. No mundo deles, levantar muito rápido ou dar as costas é uma provocação.

ÉPOCA – Por que as pessoas tendem a humanizar os chimpanzés?

Laura-Ann – Os chimpanzés despertam essas questões em nós porque eles se parecem com a gente. Procuramos respostas para a dúvida sobre de onde viemos, se estamos sozinhos neste planeta. Mas é um engano acreditar que semelhanças presumam identidade. As expressões faciais no mundo dos chimpanzés, por exemplo, não têm o mesmo significado em nosso mundo. Você pode olhar para o rosto de um chimpanzé e dizer "Ah, que fofo, ele está sorrindo". Mas ele não está sorrindo, ele está com dor. Para fazer a fotografia que a publicidade usa o tempo todo, o chimpanzé está sendo submetido a choques elétricos.

Revista - Época

19/11/2009 - 17:45 - ATUALIZADO EM 19/11/2009 - 18:23

YouTube terá legendas automáticas

Serviço estará disponível inicialmente apenas em inglês e apenas para alguns parceiros do Google. Ferramenta vai aumentar acessibilidade dos vídeos

REDAÇÃO ÉPOCA

O [Google](#) anunciou nesta quinta-feira (19) que os sites Google Video e [YouTube](#) agora terão legendas automáticas geradas por computador. Os sites já possuem um sistema de legendas ocultas, que podem ser ativadas ou desativadas pelo internauta, que foi introduzido no Google Video em 2006 e depois disponibilizado também no YouTube. Nesse sistema, entretanto, os textos precisam ser produzidos pelos usuários e isso demanda um certo conhecimento técnico.

"Hoje eu estou mais esperançoso do que nunca de que nós vamos atingir o nosso objetivo de, a longo prazo, tornar os vídeos universalmente acessíveis", escreveu o engenheiro de software Ken Harrenstien, que é surdo, no [blog oficial do Google](#). Um dos principais objetivos de colocar legendas nos vídeos do YouTube é aumentar o acesso de deficientes auditivos a esses conteúdos.

A quantidade de vídeos colocada diariamente no YouTube, entretanto, é muito grande para que usuários consigam produzir legendas para todos eles. Muitos vídeos ainda são inacessíveis para pessoas como Harrenstien. Com a legenda automática, por outro lado, Harrenstien poderá, no futuro, assistir a quase qualquer vídeo que esteja no site.

As legendas também servem para que, com o auxílio de um sistema de tradução automática já disponível, pessoas que não falem determinada língua possam entender um vídeo falado neste idioma. Além disso, as legendas também melhoram o sistema de busca do site, permitindo, por exemplo, que um usuário possa pular exatamente para a parte de um vídeo que lhe interessa. Segundo Harrenstien, os engenheiros combinaram o sistema de reconhecimento automático de fala do Google (ASR, na sigla em inglês) com o sistema de legendas do YouTube para desenvolver a nova ferramenta. "As legendas nem sempre serão perfeitas, mas mesmo desligadas ainda podem ser úteis - e a tecnologia vai continuar melhorando com o tempo", escreveu Harrenstien.

Junto com as legendas automáticas o Google também está lançando uma ferramenta de sincronia automática, para tornar mais fácil a criação de legendas manualmente. Segundo Harrenstien, com essa ferramenta será necessário criar apenas um arquivo de texto com todas as palavras faladas no vídeo que o sistema ASR descobrirá sozinho quando elas são faladas para produzir legenda.

Ambas as ferramentas só estarão disponíveis em inglês por enquanto, e a de legendas automáticas só poderá ser acessada em alguns canais de parceiros do Google (UC Berkeley, Stanford, MIT, Yale, UCLA, Duke, UCTV, Columbia, PBS, National Geographic, Demand Media, UNSW e nos canais próprios do Google e do YouTube). A ideia é disponibilizar o serviço para um número maior de usuários apenas depois de implementar a ferramenta, que, Harrenstien concorda, não é perfeita.

Confira vídeo (em inglês) com a demonstração da nova ferramenta

Revista - Época

Adeus, aparelho de surdez

Um sistema auditivo implantável no ouvido – e sem nenhum sinal aparente – começa a ser testado no Brasil. Os bastidores dessa delicada cirurgia

CRISTIANE SEGATTO



DESAFIO

O cirurgião Bento durante a operação feita no HC, em São Paulo: o Brasil entra na era dos aparelhos auditivos invisíveis

A medicina está cheia de eventos recentes que marcaram a transição entre duas eras. Na cardiologia, um desses grandes momentos foi o surgimento do primeiro marca-passo implantável. Na oftalmologia, um dos marcos que delimitam o antes e o depois é o uso do laser para corrigir a miopia. Na semana passada, o Brasil experimentou mais uma dessas viradas. Agora na otorrinolaringologia. Pela primeira vez na América Latina, um aparelho auditivo totalmente implantável foi instalado em pacientes do Hospital das Clínicas, em São Paulo.

O sistema é colocado dentro do ouvido, através de um corte de cerca de 10 centímetros feito atrás da orelha. Depois da cirurgia, o aparelho fica imperceptível. Não há fio, microfone, bateria, nenhum sinal externo que o denuncie. O som é amplificado em mais de 32 vezes. O implante só serve, porém, para pacientes que não tiveram perda total da audição. O novo aparelho é um avanço do ponto de vista da qualidade sonora. Permite a distinção mais eficiente dos diversos ruídos que ocorrem ao mesmo tempo. Também garante mais comodidade. O paciente não precisa tirar o aparelho para dormir ou tomar banho. Nem se preocupar tanto com a troca da bateria. A pilha dos aparelhos convencionais dura cerca de dois dias. A do implante precisa ser substituída a cada seis anos (com uma nova cirurgia, porém bem mais simples).

“Estamos entrando numa nova era na área dos aparelhos de audição”, diz Ricardo Ferreira Bento, professor de otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Essa nova era diz respeito a milhões de pessoas. A população está envelhecendo e, a partir dos 60 anos, a maioria dos indivíduos apresenta algum nível de perda auditiva. Maus-tratos corriqueiros – como os provocados pelos iPods ajustados no último volume – podem tornar a deficiência auditiva um problema ainda mais comum.

A nova cirurgia ainda é experimental. E muito delicada. As peças do novo implante são acopladas em áreas minúsculas do ouvido (*confira a ilustração*). Uma delas é colada num ossículo chamado de bigorna. Ele é menor que um grão de arroz. “É uma cirurgia de relojoeiro”, diz Bento. Dez pacientes brasileiros foram autorizados a passar por ela. Fazem parte do estudo clínico liderado pela empresa Envoy Medical, fabricante do implante.

Com as experiências realizadas nos Estados Unidos, na Europa, no Brasil e no Irã, a empresa pretende obter autorização da agência americana que regula medicamentos e alimentos (FDA) para vender o produto. Na Europa, o implante Esteem foi liberado em 2006. Custa aproximadamente US\$ 18 mil. Cerca de 300 pessoas já o receberam. A maioria diz que o som se torna mais nítido. É cedo, porém, para saber se o resultado será duradouro ou se poderão surgir complicações no futuro.

Na semana passada, a psicóloga Ildete Fialho de Brito, de 37 anos, foi uma das primeiras voluntárias a receber o implante. Ildete tem um déficit de audição provocado por uma doença congênita. "A perspectiva de conseguir ouvir todos os sons o dia inteiro me fez vencer o medo da cirurgia", afirma. Desde 2006, Ildete usa o aparelho convencional nas duas orelhas. Ou melhor: deveria usá-lo. Muitas vezes ela o retira e tenta disfarçar a deficiência. "Não vou para a balada com aparelho na orelha de jeito nenhum", diz. O ganho estético é mais uma das razões que a convenceram a enfrentar a cirurgia.

ÉPOCA acompanhou a operação realizada na sala 16 do centro cirúrgico do Hospital das Clínicas. Dezoito médicos e enfermeiras disputavam espaço na sala de 10 metros quadrados. Os que não conseguiram lugar para acompanhar de perto a concorrida cirurgia se reuniram no anfiteatro. De lá, assistiam à transmissão ao vivo. Dentro da sala, alguns dos jovens médicos se acomodaram no chão.

O implante ainda não foi aprovado no Brasil e nos Estados Unidos. Na Europa, é vendido desde 2006

A operação durou mais de seis horas. Foi marcada por momentos de incerteza. Não é fácil fixar os componentes do sistema nas minúsculas engrenagens do ouvido humano. Com os olhos fixos num microscópio potente, Bento alcançava com os instrumentos cirúrgicos cada uma das estruturas do sistema auditivo. A imagem ampliada era reproduzida por um monitor que prendia a atenção de todos. "Essa cirurgia é muito desafiadora", disse a ÉPOCA o professor Jack Shohet, da Universidade da Califórnia, em Irvine. Shohet é responsável pelo estudo e estava na sala para acompanhar o trabalho.

Até para um profissional experiente como Bento (4 mil cirurgias auditivas no currículo), é difícil instalar as peças no lugar certo logo na primeira tentativa. Às 10h15, ele consulta Shohet sobre o ângulo ideal para a instalação do condutor que leva energia até a cóclea. Essa parte do ouvido converte a energia e a vibração natural do tímpano e de três pequenos ossinhos em sinais que o cérebro consegue decifrar como os mais variados sons. Às 10h25, Bento injeta um líquido branco no local onde instalou duas partes do aparelho. O líquido parece um glacê de bolo, mas é cimento ósseo.

Às 10h30, Bento relaxa enquanto espera a mistura secar. "Vamos tomar um lanche", diz, em tom de brincadeira. E logo emenda: "Temos de rezar para dar certo. Senão, vamos precisar remover todo o cimento e começar tudo de novo". Foi exatamente o que aconteceu. O trabalho foi reprovado pelo software que avalia se o implante está bem posicionado. Com todo cuidado, Bento começou a quebrar o cimento. Refez toda a instalação. "Isso é cirurgia de relojoeiro e de confeitiro", disse, baixinho, um dos jovens médicos. Mais um teste, mais uma reprovação. O trabalho recomeça. Às 12h20, Bento se levanta enquanto espera o cimento secar novamente. Seu rosto exprime cansaço e preocupação. Às 12h47, a especialista americana que opera o software levanta outra dúvida sobre a posição correta do implante. Bento tenta melhorar o trabalho. Às 13h50, finalmente, o software mostra que o sistema funciona corretamente. Bento sorri, aliviado, enquanto festeja a conquista com os colegas.

Durante a cirurgia, perguntei a Shohet se ela é reversível. Ou seja: se as estruturas do ouvido podem ser reconstruídas caso o implante não funcione. "Sim, ela pode ser revertida", disse. Essa é uma das questões que a FDA quer ver respondidas antes de liberar a venda do implante. Shohet teclou o smartphone e colocou na tela um desenho do ouvido reconstruído por um material sintético. Não me pareceu que a reversão seja algo simples.

Como ocorre com toda nova tecnologia médica, os cirurgiões ainda precisam ganhar confiança e experiência. Pode ser que o implante auditivo tenha mesmo um grande futuro. Ao acompanhar o esforço de Bento, porém, fiquei com a sensação de que eu esperaria um pouco mais antes de me submeter a essa cirurgia, caso precisasse dela. Somente 45 dias depois da operação, a corajosa Ildete saberá se o aparelho funciona bem. Ele fica desligado durante o período de cicatrização. Ildete receberá um controle remoto para modular o som de acordo com o ambiente ou sua necessidade. Um dia depois da cirurgia, estava animada. "Quem sabe agora arranjo um namorado."

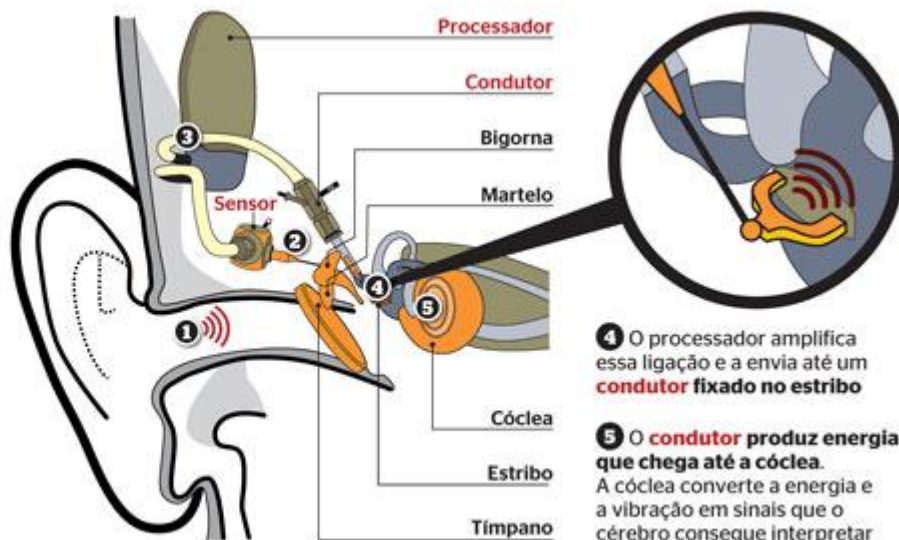
Ele trabalha. Ninguém nota

Como funciona o aparelho auditivo implantável no ouvido

1 As ondas sonoras fazem o tímpano vibrar e movimentar três pequenos ossos. Eles são chamados de **martelo, bigorna e estribo**. Nos pacientes com perda auditiva, essa vibração natural não é percebida pelo ouvido

2 Durante a cirurgia, um **sensor** é colado na **bigorna**. Ele passa a perceber a vibração natural

3 O sinal é conduzido por um fio a um **processador de som**



4 O processador amplifica essa ligação e a envia até um **condutor fixado no estribo**

5 O **condutor produz energia que chega até a cóclea**. A cóclea converte a energia e a vibração em sinais que o cérebro consegue interpretar